

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Gazeta Mercantil

CLASS. : Garimpo/Mercúrio

DATA : 27 02 92

PG. : 16 61

CONTAMINAÇÃO

Paraminérios tem projetos para controlar mercúrio nos garimpos

por Regina Scharf*
de Belém

A Paraminérios, órgão do governo do Pará que fiscaliza e coordena as atividades do setor mineral, está elaborando dois projetos para eliminar definitivamente o risco de contaminações por mercúrio nos garimpos do estado. A idéia é construir diques e barragens capazes de impedir o fluxo do poluente para fora das áreas de lavra, bem como produzir equipamentos concentradores de ouro que empreguem mercúrio confinado — uma forma de impedir que o material seja liberado para o meio ambiente.

“Apresentei em dezembro um pedido de recursos a fundo perdido à Comunidade Econômica Européia (CEE)”, diz o presidente da Paraminérios, Gabriel Guerreiro. Ele aguarda resposta para a solicitação, que prevê um total de US\$ 300 mil em investimentos nos dois projetos. Guerreiro viajou a convite da organização civil suíça Sol 3, empenhada em distribuir recursos da CEE para os países em desenvolvimento.

O projeto de barragens deverá ser instalado, como piloto de experiências futuras, em Igarapés do rio Tapajós, próximo a centros de garimpo. As águas do rio serão represadas, de modo a reduzir sua velocidade e capacidade de transportar resíduos.

REAPROVEITAMENTO

Ao sair do lago artificial, o rio naturalmente estará livre dos poluentes e, graças ao desnível da barragem, poderá retomar sua velocidade normal.

A implantação de uma série de barreiras em um único garimpo deverá custar, pelos seus cálculos, entre US\$ 1 milhão e US\$ 2 milhões. “Muitas mineradoras — como é o caso do Programa Grande Carajás — já dispõem de sistemas semelhantes, com a finalidade de reter resíduos sólidos”, diz Guerreiro. Ele explica que este tipo de empresa não costuma ter problemas com mercúrio, pois todo o processamento do

ouro é feito em circuito fechado, sem perdas e sob rígido controle governamental.

O segundo projeto prevê o investimento de US\$ 200 mil no desenvolvimento de um protótipo de equipamento concentrador de ouro que empregue mercúrio confinado. A máquina deverá promover a separação dos dois metais e reter o poluente, que será continuamente reaproveitado pelo processo. Guerreiro diz que esta tecnologia já é dominada no Brasil, mas que ninguém conseguiu construir até agora um equipamento pequeno o suficiente para ser usado nos garimpos.

AMAZÔNIA

O Pará é responsável por metade do ouro extraído na Amazônia. “Oficialmente foram produzidas 14 toneladas em 1991 — ou 20 toneladas extra-oficialmente”, diz Guerreiro. Existe apenas uma empresa mineradora de ouro atuando no estado, na serra de Carajás. Trata-se do projeto Igarapé-Bahia, da Companhia Vale do Rio Doce, que está começando a produzir ouro num sistema fechado e bem controlado, que não permite o extravio do mercúrio.

O Estado do Pará arrecadou cerca de US\$ 60 milhões no ano passado, graças a “royalties” e impostos de mineração sobre o comércio do ouro. Isto representa aproximadamente

Ameaça à saúde humana

por Regina Scharf
de Belém

A cada tonelada de ouro extraída do solo amazônico, outras duas toneladas de mercúrio são despejadas nos rios da região. No auge da exploração de Serra Pelada, entre 1980 e 1987, pelo menos 1.800 toneladas do metal foram lançadas no meio ambiente.

“Em consequência, muitos garimpeiros do Estado do Pará apresentam um teor de mercúrio no sangue até quatro vezes superior ao admitido pela Organização Mundial da Saúde”, diz o médico Geraldo Guimarães, professor da Universidade Federal do Pará.

“Existe um estudo feito pelo pesquisador Ian Thornton, do Imperial College de Lon-

dres, no garimpo de Cuiú-Cuiú, que indicou que todas as amostras analisadas estavam altamente contaminadas”, diz Guimarães. Em novembro ele participou de uma conferência promovida pelas Nações Unidas no Japão, junto à baía de Minamata. A partir da década de 50, Minamata tornou-se símbolo mundial dos danos causados pela contaminação por mercúrio.

“Já foram identificados casos graves de intoxicação em Santarém, com grandes danos ao sistema nervoso central dos garimpeiros”, diz Guimarães. “Entre 600 mil e um milhão de pessoas estão expostas e correm riscos de sofrer efeitos teratogênicos, que poderão comprometer as gerações futuras da Amazônia”.

te um quinto da arrecadação estadual. Estes recursos vieram de cinco áreas, que abrigam mais de 200 mil garimpeiros, sendo as principais na região do rio Tapajós e no sul do Pará, onde está Serra Pelada, já esgotada.

“Estes garimpos são uma verdadeira bomba e seus efeitos surgirão nos próximos anos”, diz Guer-

reiro. Ele lamenta que, ao contrário das mineradoras, os garimpos envolvam pouco capital e muita mão-de-obra. Além disso, eles operam muitas vezes de forma irregular e são de difícil controle por parte das autoridades governamentais.

* A repórter Regina Scharf esteve em Belém na semana passada.